

*A Murraça*  
**de Camilo Castelo Branco**

**POEMA ÉPICO**

**EM 3 CANTOS**

Ó Zanga! .....  
Bafeja-me; aqui 'stou, que canto os Burros  
..... dignos da forca.

(Poema de J. A. de M.)

## CANTO 1º

### I

Os cónegos, e os socos bem puxados  
Que da Sé episcopal na sacristia,  
Em queixos nunca dantes soqueados  
Ferveram com *rev'renda* valentia:  
E aqueles que deverem ser cantados  
Quase filhos de sagaz patifaria,  
Cantando, espalharei por todo o Porto  
Qual se espalha o fedor de cão já morto.

### II

Ó Musa sem vergonha, porca Musa,  
Ó Musa escandalosa, sê comigo!  
Não admito que digas por escusa  
Que os cónegos já estão feitos contigo –  
É pandiga! valeu! ninguém recusa!  
*Bofé!* que é palavrão do tempo antigo!  
Bofé! cantem-se os padres que hão jogado  
O soco tremebundo, fero, e ousado!

### III

Ó soco mais cruel que o próprio dardo,  
Que estalaste nos queixos duro e horrendo,  
Nos sagrados queixinhos do Bernardo,  
E tangido por mão doutro reverendo!  
Ah! soco imortal, soco bem dado!  
Salve, soco grande, audaz, estupendo!  
Um reinado vais ter d'inteira glória,  
Um soco ficarás sendo da história!

### IV

Da igreja estava um grande em leito mole  
Em sonhos de dulcíssima magia,  
Remoendo no gordo e nédio fole  
O produto frugal da conezia,  
Sonhando, não co' as virgens do *Tirolle*  
Que dessas tradições não conhecia;  
Mas co' as virgens de cá menos devotas,  
Por quem ele romperá um par de botas.

### V

Com'ia-vos cantando, meu leitor,  
'Stava o cónego na cama espernegado...  
Eis que negro morcego... oh mágoa! oh dor!  
Vai á cara do padre, atordado!  
Este um grito soltando de estertor  
De ceroulas ao chão cai desmaiado,  
E na bulha que fez da cama abaixo,  
Diríeis que do céu caíra um macho.

## VI

'Stava a luz apagada, que o morcego  
Ao roçar-lhe co'a asa a apagara;  
Tornou o padre a si, achou-se cego  
E diz a vizinhança que berrara:  
A' dei-rei! venha luz! 'stá como um prego!  
Não vejo... quem m' acode... ai, minha cara!  
Quem me tira das costas este fardo!  
Quem socorre o mesquinho João Bernardo!

## VII

E nisto, no telhado (diz a suja  
Musa, que m'inspira o nobre canto)  
Que pousara nefasta e negra c'ruja,  
E grasnara três vezes!! Novo espanto!  
O padre de terror já sobrepuja  
Espantado, possesso de quebranto,  
De rastos... devagar... calado o bico  
Esbarra c'os focinhos no penico.

## VIII

Aqui tamanho grito o padre arranca  
Que faz tremer da terra os fundamentos:  
Da porta do inferno cai a tranca  
E treme o inferno todo em seus cimentos!  
E o bispo que a tais horas se desanca  
C'os rígidos cilícios dos tormentos  
Esconde-se no altar em fundo abismo,  
Cuidando ser fatal *cataclismo!*

## IX

Em pesado torpor estava gélido  
Por terra semimorto o prebendado,  
Tinha um pouco o nariz nédio burnido  
Do penico fatal nunca lavado:  
Eis que ouve dum cão esse tremido  
Agoureiro uivar três vezes dado

Na mesma sua rua, e à sua porta...  
Aqui caiu-lhe aos pés a alma morta!

X

- Ai, mesquinho de mim! que negro agouro
- É esse que este cão me aqui envia!
- Terei de ver perdido o meu tesouro,
- Tirar-me-ão os Cabrais a conezia?
- Se assim é, ah cruéis! que dou um estouro!
- Assim me pagareis a serventia?!
- Ah, não creio, não creio seja tanto,
- E, se é, vale-me tu, *Ambrósio santo!*

## CANTO 2º

Agora diz-me tu, Musa do *Guerra*,  
O que o cónego fez, claro o dia,  
Pálido, qual morto que da terra  
Se exuma pr'a estudar anatomia.  
E se medo lhe tens, Musa, desterra  
O pânico pavor à conezia.  
E, se de teus favores sou indino,  
Vou a Musa invocar do teu *Raurino*.

### II

Despontava no céu a roxa aurora  
Através duma nuve opaca e grossa,  
O padre, que por terra ainda mora,  
Forceja por se erguer, bem que não possa.  
De novo ruge e grita o padre agora  
Qual esfaimado Leão em funda choça,  
Vem ao seu reclame uma comadre,  
E ao vê-lo no chão, diz: «Ó compadre!!»

### III

– Ajude-me a erguer, comadre minha,  
– Não sei se vivo estou, se já estou morto,  
– Ajeite-me esta perna, ó vizinha,  
– Puxe-me este braço que está torto...  
– Este meu coração... não sei que adivinha...  
– Comadre, se puder, dê-me conforto...  
– Ai! ai! ai! minha perna... ai! que aleijão  
– Me fica neste braço... ai minha mão...

### IV

Os gritos que ele deu tão lastimosos  
Cortavam da comadre o coração,  
Da causa de seus males lastimosos  
Pedi a mulherzinha explicação.  
Contou-lhe do morcego os tormentosos  
Lances e da coruja e do cão,  
E para ser fiel no que lhe diz,  
Contou-lhe do penico e do nariz.

### V

E nisto a velha toma a perspectiva  
De sibila agoureira e providente,

E erguendo sobre o padre a fronte altiva  
Cheirando uma pitada nobremente  
Dest' arte lhe falou: – Eu mais não viva,  
– Se encanto não há i! Esteja contente,  
– Descanse, meu compadre, e tenha fé,  
– Tudo se há-de fazer, que nada é.

## VI

Ora diga-me – acaso teve bulhas  
– Lá fora com alguém que o ameaça,  
Por via de ditérios ou de pulhas,  
– Ou de rixa já velha, ou de chalaça? –  
– Ai, não, comadre, não, a esses grulhas  
Que me alcunham de burro e grão-trapaça  
– Remorso d'ofendê-los não me resta  
– Porque enfim, ó comadre, eu sou um besta! –

## VII

– Assim é, assim é (torna a comadre)  
– Mas então não se lembra de ter dado  
– Motivos de queixume a leigo ou padre  
– Patuleia que seja ou moderado?  
– Olhe lá se se lembra, meu compadre?  
– Pode ser... pode ser... que bem pensado  
– Mude o caso de forma e de figura...  
– Não se lembra de nada porventura?!

## VIII

– Ora escute... deixe estar... 'stá-me lembrando...  
– Mas isto não continha oculto fel –  
– Diga, diga, compadre, vá contando  
– Que nem tudo que é roixo é doce mel... –  
– Eu lhe digo... já estive censurando  
– O arcedíago Passos Pimentel,  
– E disse em um ou dous meus artiguinhos  
– Que era muito *comer a dous carrinhos* –

## IX

– Ora vê? ora aí está! vê? meu amigo  
– Se puder, acautele-se que o Passos,  
– Em desforra do seu tão justo artigo,  
– Faz-lhe a cara e nariz em três pedaços;  
– Não saia mais de casa – corre perigo –  
– Não torne mais à Sé, se quer pinhaços  
Direitinhos trazer, e, se não quer

– Fazer caso do agouro, há-de sofrer – .

X

C'os olhos fitos nela o pobre homem,  
Longo tempo ficou embatocado,  
Começa d'animar-se antes que o tomem  
Os gelos do temor tão mal fundado.  
– Comadre! não me engodam! não me comem...  
– Os agouros que tem explicado:  
– À Sé sempre eu hei-de ir... Busca as fivelas,  
E as meias enfiou pelas canelas.

## CANTO 3º

### I

O Grego que legou à nobre fama  
Do Aquiles capitão o heróico feito,  
E o vate mantuano que proclama  
Do semideus romano o augusto leito,  
O que outrora cantou Vasco da Gama  
Rasgando o virgem mar além do estreito,  
Todos eles não valem um só eu,  
Pois canto os socos que o *Passos* deu.

### II

Bem puderas, ó Musa, aqui inspirar-me  
Um canto digno deles prebendados...  
Bem puderas – mas sinto já faltar-me  
A protecção que dás aos bem-fadados  
*Raurino* e *Barriense* acompanhados  
Desse *Guerra* que sempre há-de lembrar-me  
Dês que fez um soneto ao esguio e estreito  
*Casal pr'a quem a honra é um preceito.*

### III

Ó *Guerra!* ó ratão! dá-me um conforto,  
Ajuda-me a cantar os campeões,  
Que são do teu jaez, se não estou morto,  
E não posso falar dos bofetões!  
Ah! faz este serviço aqui ao Porto,  
A quem dás honra, ó rei dos charlatões!  
Ah! não te negues, não, divino *Guerra*,  
Teu estro imortal nest'alma interra!

### IV

Já me sinto melhor! estou animado!  
Agora sim, ó cónegos, lá vou:  
Ó *Passos Pimentel*, vais ser levado,  
Onde cónego algum nunca tocou.  
Do fero pugilato que hás jogado  
O fado amigo teu rei te fadou!  
Serás tido e havido, assombro de glória,  
Pelo *soco* melhor, de que há memória!

### V

'Stavas, padre João, pacato e quedo



Da prebenda comendo o pingue fruto,  
C'os queixos inda virgens do soquedo,  
O que o Passos não deixa durar muito.  
Na pandiga folgada sempre ledo  
C'o estômago de vinho nunca enxuito,  
Mandando aos jornais artigozinhos,  
Contra o Passos, que *come a dous carrinhos*.  
VI

Desprezaste, meu tolo, o são conselho  
Que te dera a sagaz tua comadre,  
Na meia enfiaste o magro artelho  
E foste para a Sé, meu pobre padre!  
E apenas que chegaste ali de joelho  
Rezavas no altar da Augusta Madre,  
Quando o Passos entrou d'aspecto iroso,  
Qual um *Lopo da Silva* misterioso.

## VII

Ao vê-lo rebuçado em negro manto  
Atrás d'umbrosa nave solapado,  
Qual o gato que mura em 'scuro canto  
A ratazana em nicho acostumado,  
Di-lo-íeis – cavaleiro, que, em quebranto  
Se vinha a demandar, atraídoado,  
Ao seu pérfido amor jurada fé  
'Stando ela a casar-se ali na Sé.

## VIII

Suponde que era a noiva o João Bernardo,  
E o Passos Pimentel traído amante,  
Este cá raivoso em seu resguardo,  
Aquele lá piedoso e edificante.  
O Passos que vergava ao duro fardo  
De peso férreo, atroz, agonizante,  
Solta um grito d'horror qual se estalara  
O peito que, colérico, o soltara.

## IX

Ergueu-se de repente o padre João,  
Espalha os olhos seus por toda a igreja,  
E no seu nobre peito o coração  
Furiosas pulsações rápido arqueja.  
Vê vulto negrejar lá num desvão,  
Palavras cabalísticas boceja,  
E rápido se esgueira, esconde e enfia  
No sagrado local da sacristia.

## X

E nisto o Pimentel no limiar  
Assoma do portal, e diz dest' arte:  
«Quando trato, ô João! de me vingar,  
«Vingança vou buscar em toda a parte!  
«No sacrário que fora eu encontrar  
«A ti... com pedra ou faca ou bacamarte  
«A cara te quebrara, meu brejeiro,  
«Patife! patifão! vil! caloteiro!»

## XI

E nisto um bofetão nos virgens queixos  
Lhe arruma o Pimentel sem mais reparo!  
Longo tempo tremeu nos grossos eixos  
A porta principal, á caso raro!  
Qual ruidoso vaivém que contra os seixos  
Derruba dum castelo o forte amparo,  
Tal força leva o murro que estoirou  
Na cara que inda mais quatro levou.

## XII

Muito obrigado, á Musa, vai-te embora,  
O meu empenho fiz – cantar os murros.  
Tu comigo serás, se em outra hora  
Necessário me for cantar tais burros..  
Pelo pouco que disse aqui agora  
Se eu nos padres sentir esturros,  
Ó Musa, tu virás, logo que eu possa,  
E vós, padres, fugi, que eu dou-vos coça.

\*\*\*\*\*

Obra digitalizada e revista por Ernestina de Sousa Coelho. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2001

<http://www.ipn.pt/literatura>

\*\*\*\*\*